

DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: O DESAFIO DA ARTE CONTEMPORÂNEA

MADDALOZZO, SHEILA
UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU – FURB

SILVA, CAUANA da
PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA REDE ESTADUAL

RESUMO

A abordagem da arte contemporânea em escolas da rede estadual enfrenta desafios diante de limitações e exigências das instituições, no que se refere à vinculação da disciplina a datas comemorativas ou à dificuldade em aceitar conceitos contemporâneos como instalação e efemeridade, além das obediências a planejamentos anuais. No entanto, ações inovadoras por parte do professor podem ser estabelecidas sem conflitos com a administração, resultando em práticas pedagógicas enriquecedoras tanto para o docente como para os alunos. É possível provocar mudanças e aprimorar o processo de ensino e aprendizagem mesmo com poucas condições, dependendo somente do comprometimento e das ações de cada um.

Palavras-Chave: Arte Contemporânea. Educação Básica. Elementos Visuais.

ABSTRACT

The approach of contemporary art in schools in the state network faces challenges facing limitations and requirements of institutions, regarding the linking of the discipline or the Day of the difficulty in accepting contemporary concepts such as installation and frailty, and obedience to the annual planning. However, innovative actions by the teacher may be made without conflict with the administration, resulting in enriching teaching for both teachers and for students. It can cause changes and enhance the teaching and learning process even with few conditions, only depending on the commitment and actions of each.

Keywords: Contemporary Art. Basic Education. Visual Elements.

O relato de experiência se refere à docência em Artes, ocorrida no primeiro semestre de 2009, em duas escolas da rede estadual de ensino, com turmas de primeiro ano à oitava série, em Rodeio/SC. Cidade, colonizada por italianos, tem hoje setenta e dois anos de emancipação e uma cultura religiosa fortemente vigente.

Além do ingresso nessas novas escolas, havia o desafio de elaborar um planejamento que relacionasse teoria à prática, não somente em leituras de movimentos artísticos do passado, mas, sobretudo, da contemporaneidade, de maneira a aproximar de forma coerente o ensino ao cotidiano da comunidade, e, por conseguinte, dos alunos.

No início do ano letivo surgiram questões sobre a elaboração de um planejamento coerente e substancial, sobre abordagens significativas; e objetivos previamente delineados, além de incógnitas decorrentes desse novo espaço educativo. Qual a compreensão de arte existente nesse local específico? Como conciliar práticas inovadoras ao planejamento esperado pela direção das escolas? De que forma propiciar aos alunos uma fruição autônoma da arte contemporânea?ⁱ

Dessa forma, o planejamento parte de ações para o desenvolvimento do educando, mostrando que a Arte desempenha um papel fundamental na educação e na formação das crianças. Pintar, desenhar ou construir constituem um processo complexo, em que o aluno reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo significado.

Como premissa, dois pontos a serem explorados: os elementos constitutivos da linguagem visual e a arte contemporânea. Ao primeiro, concerne, enquanto leitura formal de imagens, a interpretação e a fruição, pois é na compreensão da existência de elementos visuais como ponto, linha, cor, figura e fundo, luz e sombra, formas, ritmos, etc., que a criança desenvolve uma leitura que transpassa o senso comum.

Subsidiada por esses conceitos, ela agrega valores interpretativos, como por exemplo, os sentimentos conferidos às cores ou como o movimento das linhas, que modificam a estrutura de um desenhoⁱⁱ.

Embora a significação não se dê no isolamento, mas nas combinações possíveis entre esses elementos, é preciso construir referenciais de interpretação de imagem, para que o aluno possa então, dissolvê-las, ou seja, construir para destruir e destruir para construir.

Isso porque, é a partir desses elementos constitutivos da linguagem visual que a leitura, a interpretação e a fruição acontecem respectivamente.ⁱⁱⁱ Mas para tanto é necessário que a criança tenha entendimento de conceitos já existentes, e assim, questioná-los quando presentes na Arte Contemporânea.

Hoje tanto o apreciador como o docente de Artes precisa ter o olho educado historicamente, tem que ter armazenado uma boa iconografia, para poder decodificar os trabalhos de parte de artistas contemporâneos e assim, ser mediador de conhecimento, sensibilidade e fruição. Essa atitude objetiva

adentrar a arte contemporânea e desmistificar a linearidade e a banalização estética em que se transformou o ensino da Arte. E assim, poder interligar teoria e prática.^{iv}

Nessa perspectiva, o interesse pela arte contemporânea, a segunda questão a ser explorada em meus planejamentos, se deu pela carência observada nas escolas, do contato com o atual, o palpável. A escolha pela temática da arte contemporânea se deve ao contato com obras e artistas contemporâneos, vivenciado em bienais como a do Mercosul e a de São Paulo, e também por ter sido objeto de estudo em pesquisas realizadas anteriormente. Esse contato prévio contribuiu para que houvesse maior aproximação e socialização das abordagens contemporâneas.^v

O contato com o contemporâneo faz da criança um ser mais crítico, menos envergonhado, isso porque o presente não é cânone, não se encontra intocável em grandes museus. Contudo o difícil deleite da arte contemporânea nos obriga a traçar caminhos detalhados, de modo que ela transgrida a leitura formal, técnica. Abordando as diversas possibilidades entre teoria e prática na contemporaneidade.^{vi}

A partir de subsídios que identifiquem o contexto da criança, torna-se significativo trabalhar com aspectos da sua realidade imediata, havendo um maior entendimento e apreensão do sujeito, tornando a teoria mais agradável e a prática mais interessante.

As atividades são desenroladas, tanto nas séries iniciais como nas finais da mesma forma, primeiramente, relacionadas ao artista e ao movimento e depois atreladas a um artista contemporâneo, que de alguma forma relacione-se com o elemento estudado, mas sem descaracterizar os conceitos contemporâneos.

Os alunos são indagados e estimulados a reconhecerem algo concreto, uma característica que estabeleça uma relação com seu cotidiano. Depois de esmiuçar a obra de forma descritiva e interpretativa, propicia-se o contato do aluno com os elementos da linguagem visual presentes nas obras expostas em sala.

É a partir do elemento visual explanado e contextualizado, que referenciamos algum artista contemporâneo que apresente em sua obra elementos visuais semelhantes aos apresentados anteriormente, momento em

que acontece a prática contemporânea com abordagens conceituais presentes hoje. Um exemplo deu-se a partir de Matisse e suas cores puras no Fauvismo. Em seguida servimo-nos de Hélio Oiticica e sua obra *Magic Square nº5 de 1977*, que apresenta labirintos cromáticos. A cor presente em ambos é referência para estabelecer a relação de um artista ao outro, e depois de adentrado o universo de Oiticica; percebemos a peculiaridade de sua obra. Evidencia-se a diferença singular entre eles, apreendendo novos conceitos contemporâneos.

Com as séries finais do Ensino Fundamental, parte-se do contexto sócio-político-econômico do movimento artístico, para então focar o artista e suas obras. Nesse momento acontecem debates sobre o que veem, o que acham e que conceitos podem construir a partir das imagens apresentadas. É preciso, portanto, pensar no ensino da Arte de maneira reflexiva, adequando-o as atuais concepções educacionais. Instiga-se o olhar do aluno ampliando-o para a realidade em que está inserido, para o que acontece neste momento.

Como exemplo, o Renascimento, explanado na sexta série, com o artista Leonardo Da Vinci e suas pluralidades. Como atraí-los para algo tão distante? Partindo da realidade, questionei-os sobre suas pretensões profissionais, e explanei curiosidades de determinadas carreiras, para então, explorar a maestria de Da Vinci e seus vários campos de pesquisa.^{vii}

Todo o trabalho realizado pelo aluno é exposto e concomitantemente acontecem didáticas de apresentações argumentadas, observações e auto-avaliação, para que dessa forma, o aluno observe e reflita sobre seu trabalho. Apesar das tentativas, ainda percebemos que a grande maioria dos alunos se mostra introspectiva no momento em que deveriam explicar suas idéias, suas pesquisas, suas intenções, mostrando-se mais desenvoltos quando o trabalho é do outro. Nesse momento, assumem postura responsável e sincera diante da obra do colega, pois exigem o mesmo respeito quando o outro está defronte ao seu trabalho. Atividades como dar uma nota argumentada ao colega fazem com que a criança ressalte suas peculiaridades e esforce-se para relacionar-se com o outro. De um jeito mais despojado refletem sobre o trabalho do colega. Conseqüentemente colocar-se diante da turma promove uma preocupação em desenvolver mais habilmente suas locuções.

Reunidos, em ato seguinte, debatemos, e fizemos disposições finais, concluindo a atividade. Assim o professor assume responsabilidades atitudinais e conscientizadoras diante dos alunos.^{viii}

Em toda escola de Ensino Fundamental, o professor de Artes tem o impasse das datas comemorativas, que são tão mais alentadas por se tratarem de duas instituições de zona rural, e que possuem valores culturais e religiosos conservadores.

Como exemplo, a Páscoa, data que teria que ser abordada nas aulas de Artes. Assim sendo, explorei a questão, pois não teria como me desvencilhar, mas de forma a adaptar a data à disciplina de Artes e não o contrário, incluindo no planejamento uma atividade contemporânea.^{ix}

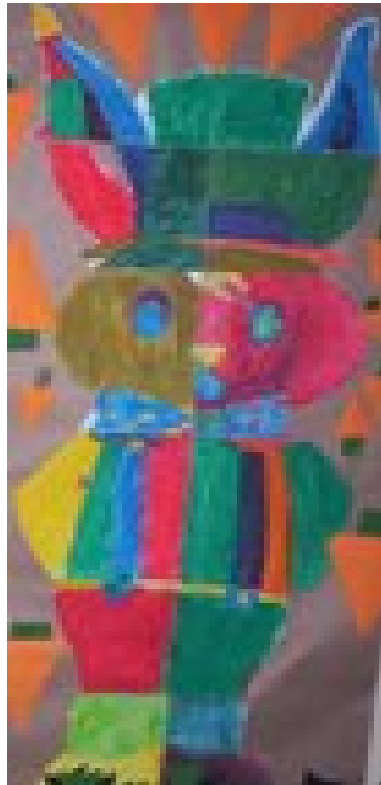
Organizei um quebra-cabeça, a partir de um desenho de coelho, com aproximadamente 160 centímetros de altura por 70 de largura. Sem saberem de que imagem se tratava, cada criança recebeu uma parte do jogo para pintar com guache. Durante a produção, surpreendiam-se com a mistura de cores, e apesar de já tê-las experimentado anteriormente, exclamavam e constatavam o resultado, além de constantemente tentarem desvendar que imagem se formaria ao montarmos o quebra-cabeça.

No desenrolar da montagem do quebra-cabeça, que inicialmente possuía simples elementos constitutivos da linguagem visual, com os quais já haviam tido contato, aproximamo-nos da Arte contemporânea, em uma dinâmica lúdica, resultado de uma obra conjunta. E quando questionados sobre seu trabalho individual, exclamavam sobre a harmonia das cores.

Enquanto explanava sobre a abstração, suas pinturas foram dispostas uma a uma, sobre um papel pardo. Indagados se as partes, ainda sem figura alguma, eram agradáveis aos seus olhos responderam positivamente. Em seguida, salientei que não é preciso a presença de uma figura reconhecível para a obra existir.

Conforme o quebra-cabeça se estruturava diante deles, a imaginação voava a cada pedaço acrescido, e os alunos teciam hipóteses sobre a figura que se formaria, sugerindo desde personagens da Disney até uma farta variedade de animais.

Antes do último pedaço do quebra-cabeça ter sido adicionado, todos já haviam decifrado o desenho. Rapidamente exclamaram que tínhamos feito o coelho por motivo da data comemorativa. As reações foram ambíguas, enquanto alguns gostaram do excesso de cor, outros afirmaram não reconhecer o animal tão colorido.



Fonte: Cauana da Silva

Debatemos então sobre as sensações que as cores nos proporcionam, citando Wassaly Kandinsky, que defendeu a espiritualidade das cores e das formas.

Outra experiência contemporânea incidiu com a sétima série do Ensino Fundamental da mesma escola. Na primeira ocasião, a turma envolveu-se com o Impressionismo, conhecendo os artistas Claude Monet e Edgar Degas. Pintando atmosferas e em contato direto com a natureza, Monet foi o artista mais citado em sala. A partir de suas pinturas, e sua relação com a natureza, vinculei-o a Frans Kracjberg.

Essa região é rodeada por mata nativa, áreas de reflorestamento e grandes campos de arrozal, tornando pertinentes questões de preservação e ações preventivas à natureza.

Os alunos saíram à procura de madeiras, o que os estimulou à produção. Logo que iniciaram sentiram falta da cor nas peças recolhidas, e por unanimidade, decidiram acrescentá-la ao seu trabalho. Um dos grupos optou por não servir-se de madeiras, mas apenas cor sobre o suporte de papelão, de um m²; acrescentaram tinta preta e vermelha. Pintaram suas mãos e repetiram suas marcas sobre todo o espaço. Para o vermelho acrescentaram o valor simbólico de sangue e para o preto, sombra.

A dificuldade sentida pelas equipes foi no momento em que escreveram sobre sua obra, agregando-lhe uma idéia. Alguns a relacionaram com o outono, outros com as queimadas, mas todos explanaram suas escolhas tanto na apresentação oral como em seus textos.

A efemeridade foi abordada com a classe, quando fizemos a exposição, organizada no pátio aberto. Os alunos compreenderam e aceitaram o fato de suas obras ficarem expostas ao tempo. Motivaram-se e criaram expectativas para observar suas obras transgredidas.^x



Fonte: Cauana da Silva

Mas para nossa surpresa, a efemeridade não foi tão compreendida pela direção e funcionários da escola, que ao perceberem que a exposição permaneceria à mercê das intempéries, retiraram as obras, guardando-as no interior das salas de aulas. Isso porque nossa contextualização do conceito de efemeridade não transpassou as paredes da classe ou mesmo da exposição.

No planejamento de curso da oitava série, são previstos somente movimentos artísticos da segunda metade do século XX, iniciando-se com a Pop Art até a Arte Contemporânea.

Com a Pop Arte, foram realizadas atividades que suscitaram reflexão e questionamentos por parte dos alunos acerca dos valores de nossa sociedade atual. A turma é pequena e crítica, adjetivos facilitadores para que os debates sobre o consumo e a exploração de imagens obtivessem resultados cruciais e satisfatórios, pois a ferocidade imagética é tão mais presente hoje, do que nos anos 60, quando ressaltadas por Andy Warhol e Hamilton.^{xi}

Um dos trabalhos propostos causou imensa movimentação na escola. As equipes fizeram fotocópias de notas de cinco, dez e vinte reais, essa última, em tamanho natural e colorida. As imagens foram dispostas nas paredes da escola, em uma altura de difícil acesso. Contudo, não conseguimos fotografar as notas, pois antes mesmo do intervalo, outros alunos subiram em carteiras, cadeiras, retiraram todas as notas, mesmos as de menor valor que eram visivelmente falsas. Extasiados, as equipes confessaram não pensar que veriam atitudes tão desesperadas para alcançar o dinheiro.

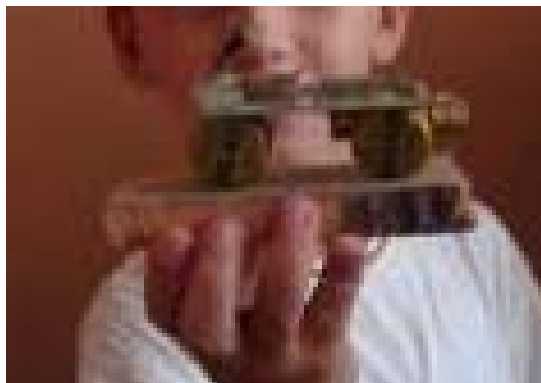
Ainda referente à Pop Arte, os alunos construíram trabalhos em cartolinas montando rostos feitos de diferentes materiais. Um deles elaborado com material retirado da natureza resultou em uma fisionomia masculina. Decidimos então expô-lo na porta do banheiro feminino, o que causou grande espanto por parte do público feminino da escola, e intensa observação da turma, que curiosa, passou o intervalo a olhar a reação dos demais. A partir dessa ação, discutimos em sala, a importância das imagens e como estamos condicionados a elas, pois apesar do banheiro feminino sempre ter sido o mesmo, algumas pessoas não perceberam o trabalho somente como obra, e questionaram se sua disposição havia mudado.



Fonte: Cauana da Silva

A tridimensionalidade foi abordada no segundo ano das séries iniciais, com crianças de faixa etária de sete anos. Novamente, procuramos aproximar o conteúdo da realidade de forma acessível. Em folha A5 as crianças desenharam uma flor, simples e bem acabada. Mas foi quando conceberam uma flor tridimensional construída a partir de papel toalha, que se sensibilizaram com a diferença entre o bi e tridimensional, apesar do conceito já ter sido estudado.

Em seguida, desenharam um carro. Dois terços da turma são constituídos de meninos, sendo ímpar a atividade para eles e de interesse tenaz da classe, e mesmo as meninas estão envoltas com os assuntos dos colegas. A animação continuou na aula seguinte, momento em que fizeram, com peças de ferramentaria, tampas de refrigerante e madeira, um carro tridimensional, personalizado e criativo.



Fonte: Cauana da Silva

O artista Damian Ortega foi citado por desmontar caminhões e expor seus componentes, e dessa forma, abordamos a arte contemporânea que conceitua de modo análogo o mundo que também é constituído de partes isoladas. Por fim fizemos um Salão de Automóveis, momento em que os alunos descreveram seus carros; citaram valores de venda, o que resultou em uma atividade interdisciplinar.

As crianças mostram-se aptas à arte contemporânea, por serem abertas e livres de preceitos. Elas interessam-se e compartilham experiências, que me auxiliam nos planejamentos, cujos rumos são muitas vezes indicados por elas, que abstratamente sugerem como devo abordar um tema, ou mesmo desenvolvê-lo.

Assim a Arte permeia o cotidiano do aluno, com dinâmicas diferenciadas que rompem com sua passividade habitual. A Arte contemporânea apresentada em toda sua opulência histórica, de forma lúdica, pode cativar o aluno, que indaga, se surpreende, se autoquestiona, para então, deleitar-se com o impacto visual de certas obras.

A abordagem tem problemas que implicam em um ciclo eterno de interpretações, que mostram que a arte não é determinada, limitada ou estável e que a idéia da interpretação correta, mesmo que venha da cultura de origem da obra de arte, é falível.

Através da evolutiva nos debates e das produções plásticas, pode-se constatar a eficácia das propostas. Com isso há um respeito ao mundo das crianças e sua sensibilidade.

Somos mediadores e nossa postura diante dos discentes tem como determinante transformar o ensino da Arte, de forma a contextualizá-la, deixando de considerá-la somente empirismo para acrescentar-lhe mais cientificidade.

ⁱ Partindo da concepção de que a arte é uma linguagem manifestada desde os principais momentos da história do homem e estruturada, em cada época e cultura, de maneira singular, o conhecimento desta linguagem contribuirá para maior conhecimento do homem e do mundo. Portanto a finalidade da Arte na educação é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos que, no futuro, atuarão na transformação da sociedade. (BUENO BUORO, 1996, p.33).

ⁱⁱ Na autonomia da interpretação, que a semiótica se torna útil para o ensino nas escolas, [...] quando os alunos aprendem a interpretar de forma independente, autônoma, eles se protegem das interpretações corretas e únicas dos fenômenos que são inculcados ideologicamente. (VOLPATO, 2002. p.73).

ⁱⁱⁱ Para não existe uma gramática do texto visual, ao contrário, quando um paradigma estético é quebrado ou transgredido, ele passa a ser mais uma fonte de sentido. (OLIVEIRA,1998, p. 111)

^{iv} O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. Encontrar uma maneira de organizar o trabalho de educação escolar que contribua nesse rumo é um desafio para o coletivo dos professores comprometidos em conseguir escolas de melhor qualidade para toda população. (FUSARI e FERRAZ, 1993, p. 49).

^v É na relação dialética entre sujeito e cultura, em que o conhecimento é estruturado mediante ações do sujeito sobre o mundo exterior. (RAMOS, 2008, p. 25).

^{vi} A cultura contemporânea, ao interrelacionar-se a necessidade e expressão criaram o ambiente propício para a integração da inteligência, da emoção e da tecnologia transformando a cognição em uma forma de consumo que estimula a imaginação. (BARBOSA, 2005, p.111).

^{vii} O professor precisa ultrapassar a função de transmissor de conteúdos, para que logre despertar no aluno o interesse em apreender, e, motivado, o aluno coloque em prática o seu saber. (RAMOS, 2008, p. 14).

^{viii} Como impossível seria sairmos na chuva exposta totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. (FREIRE, 1998. p.108).

^{ix} É imperativo investir numa prática que transforme esses sujeitos em interlocutores competentes, envolvidos em intenso e consistente diálogo com os mundos, estimulados para isso por conexões e informações que circulam entre verbalidade e visualidade. (BUORO 2002, p.35).

^x Ao expor obras que se transformam no decorrer do tempo, discutindo a relação entre a arte e a vida através da perecibilidade material, apresentam-se simultaneamente a imprevisibilidade do seu envelhecimento e a impossibilidade de sua perpetuação. (MEDEIROS, 2004, p. 434).

^{xi} O poder da imagem não diminuiu, pelo contrário, hoje vivemos na chamada “civilização da imagem”. É a era da visualidade, da cultura visual. Há imagens por toda parte. E, com a entrada da tecnologia na produção das imagens, modificaram-se as bases do conhecimento humano. As crianças, desde cedo, aprendem a interagir com elas através de comandos nos videogames e computadores, e aprendem a produzir e consumir imagem de toda ordem. (ROSSI, 2003. p. 09).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez,1996. 160p, il.

_____ **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte.
São Paulo: EDUC, 2002. 252p, il.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa.
7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 165p.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. (org.) **Arte em pesquisa**: especificidades. Brasília, D.F: ANPAP-UnB, 2004. 2v.

OLIVEIRA, S.R. Ramalho. **Arte, objetos estéticos e relações culturais**. 1998. *In* Linhas Revista. v.1, nº 3 (agosto/dezembro 2001). Florianópolis. UDESC – 2001.

RAMOS, Paulo. Como tornar-se um professor inesquecível na metadisciplinaridade. 6ª ed. Blumenau: Odorizzi, 2008. p.104, il.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola – Porto Alegre: Mediação, 2003.

VOLPATO, Edite. **Cultura. Imagem e Educação**. *In* Revista Linhas. v. 4 nº4 (janeiro/julho 2002). Florianópolis. UDESC – 2002.

CURRICULUM VITAE

SHEILA MADDALOZZO – Doutora em História da Arte pela Universidade de Paris I – *Panthéon-Sorbonne*. Professora de História da Arte no Departamento de Artes da Universidade Regional de Blumenau – FURB.

CAUANA DA SILVA – Graduada em Artes Visuais – Licenciatura pela Universidade Regional de Blumenau – FURB em 2009. Professora da Educação Básica na rede estadual.